A etnografia na trajetória de Mariza Peirano

Antonádia Borges
UnB

Soraya Fleischer
UnB

Em abril de 2015, o Laboratório de Vivências e Reflexões Antropológicas: Direitos, Políticas e Estilos de Vida (LAVIVER) organizou um evento para homenagear duas professoras que muito contribuíram para a antropologia brasileira, ajudaram a consolidar o Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília e, recentemente, aposentaram-se, a saber, Mariza Peirano e Lia Zanotta Machado. Com dois dias de duração, o seminário dedicou cada dia a uma das professoras, as quais haviam previamente sugerido um tema que lhes foi caro ao longo de suas respectivas carreiras como etnógrafas. Esta seção do *Anuário Antropológico* reúne os textos que foram apresentados no primeiro dia do evento, dedicado a Mariza Peirano. Em oportunidade futura, publicaremos a conferência de Lia Zanotta Machado e os artigos dos colegas que, na ocasião, discutiram seu legado.[1]

Mariza Peirano centrou sua conferência no tema Rituais e Etnografia. Os colegas que a secundaram naquela tarde de diálogo e admiração mútua seguiram o mesmo farol, cada um a sua maneira. As apresentações orais foram revisadas para aqui serem incluídas como artigos.

A comunicação de Mariza Peirano foi feita para uma plateia diversa em todos os sentidos. O auditório do novo prédio do Instituto de Ciências Sociais, onde Mariza não chegou a trabalhar, estava lotado. Ali se encontraram amigos e colegas de longa data; estudantes de Mariza que seguiram distintos rumos, uns mais próximos, outros mais distantes da vida acadêmica; e alunos que cursam atualmente antropologia na graduação e na pós-graduação, leitores de seus principais textos e ideias, mas que, salvo raras exceções, não tiveram o privilégio de terem aulas ou serem orientados por Mariza. Estavam todos em congraçamento, conversando entre si, trocando afetos e inquietações intelectuais.

Em sua fala, Mariza dirigiu-se, portanto, a uma audiência para a qual suas palavras teriam necessariamente eficácias distintas — afinal, onde cada memória iria tocar, onde cada ideia iria se alojar, dependia também dos olhos e ouvidos de quem a assistia, dependia das experiências que tivessem tido com a antropologia.

Além de sua presença no palco, Mariza acrescentou outro elemento cênico forte às suas palavras: imagens. Projetadas na tela do auditório, ilustrações das passagens de seu texto serviram para tornar tangível muito do que nos dizia. Todos os sentidos eram acionados para fazer comunicar algo tanto sólido quanto inefável como o é uma trajetória artística e intelectual como a de Mariza.

Neste volume do *Anuário Antropológico*, recuperamos a conferência de Mariza Peirano e as contribuições de John Comerford, Silvina Smietniansky e Christine de Alencar Chaves.[2] É preciso esclarecer que, a despeito de se conhecerem, nenhum dos quatro havia entrado em acordo sobre o que traria para aquela tarde. Tínhamos, as organizadoras do evento, sinalizado com o tema geral e insistido para que se mantivesse o teor oral nas comunicações — e nada além disso. A aposta no "acaso" e na "surpresa", para usar duas construções analíticas caras à Mariza, deu certo.

Mariza deu início à tarde procurando evidenciar uma de suas principais convicções: a de que a teoria é vivida. Recusando-se a uma amarração estritamente cronológica, Mariza demonstrou, no entanto, que predileções podem anteceder a experiência e orientar os encontros, os quais, por sua vez, transformam os sujeitos e seus interesses, conduzindo-os a outros lugares, onde, sucessivamente, caminhos ramificam-se, mantendo um resquício de algo caro, profundo e que nos marca como pessoas singulares que, ao mesmo tempo, podem se reconhecer em uma linhagem.

No seu caso, é possível dizer que a associação necessária entre ética e estética, que sempre a acompanhou, jamais a deixou confortável diante do enquadramento dos enigmas da vida em um quadro interpretativo prévio ou em um arranjo teórico já muito consolidado em "escolas" ou "estilos". Em seu texto, Mariza fala desse incômodo na sua vida pessoal, na sua atuação política, em suas experiências de pesquisa, na sua prática docente, em suas diversas relações de colaboração científica. Em quaisquer dessas interações, Mariza rechaçava o tédio do *dejá connu*. Esse incômodo de fundo talvez seja a pista para entender sua definição de etnografia como teoria e não como método.

Etnografia como método pressupõe a possibilidade de sua replicação. No entanto, como insiste Mariza, ninguém ensina ninguém a fazer etnografia. Aprendemos etnografia fazendo etnografia. Parte desse fazer se dá por meio da leitura de outras etnografias, as quais, por sua vez, nos ensinam, a despeito de não poderem ser replicadas, emuladas. A definição de teoria etnográfica é aqui distinta de outras — distinta, mas ao mesmo tempo com eco em escritos de autores do sudeste asiático (como Madan e Tambiah), isto é, irmanada a formas de pensar e escrever que encontram ressonância em outras antropologias e mesmo

em outras formas de arte. Como obra de arte, a teoria etnográfica será sempre única e, portanto, eivada de princípios intimamente ancorados em sua forma; em suma, uma combinação *sui generis* de ética e estética, de política e teoria, de experiência e reflexão continuadas e intercambiadas, jamais passível de ser copiada, ou melhor dizendo, jamais interessada em se fazer copiar. Teoria, nesse sentido, jamais seria um quadro geral ao qual nos curvamos em genuflexão.

Dessa postura na vida e na teoria depreendemos o interesse de Mariza pelos rituais, não como *mise-en-scène*, mas como constructo analítico. Onde reside a fertilidade dos rituais? Justamente em sua imprevisibilidade, a despeito das regras existentes. Ou seja, por mais que existam enquadramentos prévios ou exegeses compartilhadas, a vida e seus mistérios invariavelmente extrapolam e transformam o esperado. Rituais são interessantes, não pelo que engessam, mas, ao contrário, pelo que permitem transformar. Desses respiros, tantas vezes inesperados e criativos, vêm as mudanças ou mesmo as possibilidades de entendimento antropológico. O mesmo se passaria com a etnografia, com o ensino de antropologia, com a orientação de teses e com a colaboração entre pesquisadores, como na experiência do Núcleo de Antropologia da Política (NuAP), de que nos conta Mariza em seu artigo.

O texto de John Comerford é a demonstração criativa dessa força transformadora dos rituais. Nele John se recorda do curso de Rituais que fez com Mariza — curso com bibliografia central perene, nas suas várias edições, mencionado sempre (inclusive pelas demais autoras nesta homenagem) e que, no entanto, provocou efeitos diversos a depender justamente da vida pulsante que se pronunciou em cada sala, com cada grupo de estudantes. O curso de Rituais feito por John quando Mariza "visitava" o Museu Nacional não teve impacto somente sobre sua dissertação e sua tese, mas sobre os trabalhos de estudantes seus e em sua trajetória profissional (John é hoje coordenador do NuAP, por exemplo). Voltamos neste texto ao que poderia ser um paradoxo, se a palavra não tivesse embebida em incômodo e se não quiséssemos justamente frisar o quanto há de liberdade no deambular de ideias que nos inspiram sem nos aprisionar. Com Mariza, John aprende. O que John aprende a surpreende. E não somente a ela, mas a quem se deixar tocar por inquietações semelhantes. Um grupo de pessoas diferentes, mas sensíveis a tais inquietações, reuniu-se, como John procura demonstrar, no NuAP. Mais uma vez, fértil e capaz de atravessar fronteiras espaciais e temporais, o que se desenrolou "ritualmente" no NuAP torna-se redivivo ainda hoje, seja em sala de aula, nos trabalhos de orientação ou nas pesquisas mais recentes desse grupo. John encerra seu texto sugerindo que o "tempo de Mariza" é potente porque é livre de amarras cronológicas.

Sua aposta na teoria etnográfica nunca se fecha, nunca deixa de se inspirar por novas pesquisas; torna, em suma, a antropologia que propõe relevante por ser aberta à eterna transformação da interlocução com os pares que encontramos pelo caminho.

O texto de Silvina, por sua vez, dá prosseguimento (necessariamente inaudito) a um dos fios deixados felizmente soltos na rememoração de John. Em sua contribuição, Silvina fala dos meandros que levaram a obra de Mariza à Argentina, de onde a autora provem. São muitos os caminhos: as aulas que Mariza ministrou a professores de Silvina, os textos de Mariza que eram lidos por lá. Nada, no entanto, responderia plenamente a algo do tipo "combinação necessária" para que Silvina tivesse se decidido a fazer um pós-doutoramento em Brasília, sob a supervisão de Mariza. E, mesmo que tal história prévia tivesse tido um peso definidor, como insiste Silvina, ainda assim, nada faria prever os rumos que sua vida tomou após o convívio e a participação em um curso de rituais ministrado por Mariza (em uma versão *pocket*, intimista). Silvina destaca em seu texto o quanto a "magia" da orientação se fez na possibilidade de transformar seu trabalho de investigação histórica sobre a administração colonial argentina a partir de uma guinada em sua perspectiva. Isso, como Silvina demonstra, tornava evidente o quanto não havia verdade nos "dados em si" e tampouco uma teoria "adequada" para trabalhá-los. A conversa entre documentos e teoria só se faria eternamente relevante se a chama da vida se mantivesse acesa. E, nos encontros com Mariza, ao juntas relerem e revisitarem autores que tratavam das facetas dos "rituais", Silvina encontrou o combustível para essa façanha.

Os livros e os escritos da própria Mariza são mencionados no texto de Christine de Alencar Chaves. Em sua contribuição, Christine reforça muito do que foi dito anteriormente: a relação de orientação estabelecida por Mariza com seus estudantes, a importância de seus cursos na formação de uma interlocução mútua e seu recorrente conselho de deixar-se levar pelo acaso ao sabor de um sopro novo que só nasce do incômodo com o estabelecido e o interesse pelo inaudito. Em seu texto, porém, Christine enfatiza o quanto o esforço literário de Mariza traduz no papel o que ela pratica em sua vida cotidiana, dentro e fora da universidade.

No conjunto de textos desses ex-orientandos de Mariza, vemos posto em prática o princípio da continuidade transformada de seu pensamento e seus ensinamentos. Os caminhos propostos foram muitos e os efetivamente tomados nunca poderiam corresponder literalmente ao que se esperava, porque de fato seria insensato esperar algo. O feito sempre surpreende o dito, ou ao menos assim deveria ser. Em todos os casos, a grande lição parece ter sido aprendida/apreendida:

deixar-se levar pela vida para imprimir vitalidade às nossas experiências, ao conhecimento que compartilhamos, às possibilidades de transformação que o conhecimento de si e da antropologia pode proporcionar — sem qualquer vetor, direção, intenção ou foco domesticador.

Antonádia Borges é professora no Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília. Dedica-se à pesquisa em teoria antropológica, com trabalho de campo no Brasil e na África do Sul. E-mail: antonadia@gmail.com

Soraya Fleischer é professora do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília, interessada pelos temas da saúde e do sofrimento e, mais recentemente, pelos desdobramentos da epidemia do vírus Zika. E-mail: fleischer.soraya@gmail.com

Notas

1. Aproveitamos para agradecer ao conjunto de pessoas e coletivos que foram fundamentais para a realização do evento e, agora, desta homenagem — nomeadamente, às equipes de secretaria do Departamento de Antropologia (DAN), nas figuras de Rosa Venina e Jorge Máximo, do Laboratório de Imagem e Registro de Interações Sociais (IRIS) e do Instituto de Ciências Sociais (ICS), com o apoio de Cláudio Batista Barbosa; aos colegas do Laboratório de Antropologia da Ciência e da Técnica (LACT), em nome de Guilherme Sá, que compartilhou escassos recursos conosco; ao Laboratório de Vivências e Reflexões Antropológicas: Direitos, Políticas e Estilos de Vida (LAVIVER), com Christine de Alencar Chaves e Cristina Patriota de Moura; e aos estudantes do Departamento de Antropologia, em especial Hugo Vale e Sarah Almeida. Durante os dois dias de evento, a Central do Cerrado nos brindou com iguarias feitas com ingredientes de nosso bioma local. Alex Chacon fez o cartaz do evento. Agora, ao final, agradecemos aos editores do *Anuário Antropológico*, que acolheram a ideia de registrar e de perenizar esta homenagem.

2. Maia Sprandel também compôs a mesa e apresentou um texto belíssimo sobre sua relação com Mariza, que passou por livros, acasos e afetos. Infelizmente, a autora, que trabalha no Senado Federal, não conseguiu terminar sua contribuição por conta da atual conjuntura política. Gostaríamos, contudo, de mencionar sua presença e sua participação.